

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XIX – A fé transporta montanhas

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIX)

Índice

Capítulo XIX – A Fé transporta montanhas	03
Poder da Fé	03
A Fé e o seu poder	04
A Fé e a confiança	06
A fé religiosa – condição da fé inabalável	08
Ponderações em torno da fé	09
Fé raciocinada	11
Parábola da Figueira que Secou	15
Espíritas falidos	17
O Evangelho segundo Marcos	21
Instruções dos Espíritos. A Fé: mãe da esperança e da caridade	23
Alguns aspectos da fé	24
A esperança é a luz do cristão	26
A Fé humana e a divina	28
A renovação exige coragem e perseverança	29
A cura pela fé	31

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XIX – A Fé transporta montanhas

1. Poder da fé

1. Quando Ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: “Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar.” — Jesus respondeu, dizendo: “Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui esse menino.” — E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: “Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio?” — Respondeu-lhes Jesus: “Por causa da vossa incredulidade.

Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: ‘Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível.’” (Mateus, 17:14 a 20.)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Aqui, porém, unicamente no sentido moral se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3. Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Num como noutro caso, pode ela dar lugar a que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.

4. Cumpre não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.

5. O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural.

Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

I. Poder da fé

Nº 139 – 03/01/2010

O Consolador – (Thiago Bernardes)

A fé e o seu poder

A fé autêntica não fica estagnada em circunstância nenhuma.

1. O vocábulo “fé” tem várias acepções. No sentido comum, significa a confiança do indivíduo em si mesmo, pois os que disso são dotados são capazes de realizações que pareceriam impossíveis àqueles que de si duvidam. Dá-se igualmente o nome de fé à crença nos dogmas dessa ou daquela religião, casos em que recebe adjetivação específica: fé cristã, fé judaica, fé católica etc.

2. Existe, por fim, a fé pura, a fé não sectária, que se traduz por uma segurança absoluta no amor, na justiça e na misericórdia de Deus. De todas as espécies de fé, esta é, sem dúvida, a mais sublime e também a mais difícil de ser encontrada, por constituir apanágio de poucas almas de escol, cujo aprimoramento vem de longo tempo.

3. Ter fé em Deus é guardar no coração luminosa certeza de que nosso Pai existe e não deixa ao desamparo nenhum dos seus filhos, convicção essa que ultrapassa o âmbito da simples crença religiosa. Conseguir fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: “eu creio”, mas sim: “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento.

4. Essa fé não fica estagnada em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor, pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido. Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e os problemas, com a luz divina no coração.

Levada ao excesso, a fé cega pode produzir o fanatismo

5. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais que distinguem as diferentes religiões e sob esse aspecto a fé pode ser raciocinada ou cega. A fé cega, como o próprio nome indica, tudo aceita sem verificação, tanto o verdadeiro quanto o falso, e pode, obviamente, a cada passo, chocar-se com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Assentada no erro, cedo ou tarde desmorona.

6. Somente a fé que se baseia na verdade garante a sua perenidade, porque nada teme do progresso das luzes, pois o que é verdadeiro na obscuridade também o é à luz meridiana. Duas condições requer a verdadeira fé. A primeira é não rejeitar a razão e poder ser, assim, raciocinada. A segunda condição é prender-se à verdade, sem jamais compactuar com a mentira.

7. Fato digno de nota é que a fé verdadeira não se conquista de uma hora para outra. Ela se adquire com o tempo, é fruto de experiências vivenciadas, embora pareça de algum modo, inata em certas pessoas, nas quais uma centelha basta às vezes para desenvolvê-la, o que constitui sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, a dificuldade de ter fé é muito grande, um indício não menos evidente de uma natureza retardatária ou pelo menos, refratária a isso.

8. Em seu livro “O Consolador”, Emmanuel estabelece uma distinção entre crer e ter fé. Crer diz respeito à crença. O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio para que a alma edifique a fé em si mesma. Inspiração divina, diferentemente da simples crença, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem e, como tal, é a base da regeneração.

A fé não se prescreve nem se impõe, mas pode ser adquirida

9. Idêntico ensinamento encontramos no cap. VII – 2ª Parte do livro “O Céu e o Inferno”, de Kardec, no qual o guia da médium que serviu de intermediária no caso Xumene explicou por que o Espiritismo não torna imediatamente perfeitos nem mesmo os mais crentes adeptos: “A crença é o primeiro passo; vem em seguida a fé e a transformação por sua vez, mas, além disso, força é que muitos venham revigorar-se no mundo espiritual”.

10. A fé sincera é empolgante e contagiosa. Comunica-se aos que não a têm ou mesmo não desejam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente utiliza tão-somente palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as, escuta.

11. É de Kardec este conhecido pensamento: “Fé inabalável somente o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”. A importância da fé é destacada pelo Codificador do Espiritismo em várias passagens de sua obra, como Jesus o fez em diversos momentos, como o trecho, anotado por Mateus, em que o Mestre afirmou a seus apóstolos que, se eles tivessem fé do tamanho de um grão de mostarda, diriam a uma montanha: “Transporta-te daí para ali” e ela seria transportada.

12. “Tudo é possível àquele que tem fé”, ensinou Jesus, consoante lemos em (Marcos, 9:23), afirmativa essa que demonstra a importância da fé em nossa vida e nos anima a tudo fazer por conquistá-la, certos de que, conforme asseverou Kardec, a fé não se impõe nem se prescreve, mas pode ser adquirida, não existindo ninguém que esteja impedido de possuí-la. Para crer é preciso, porém, compreender, porquanto – adverte o Codificador do Espiritismo – a fé cega já não tem lugar em nosso mundo.

Bibliografia

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo XIX, itens 1 a 11.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (cap. VII.)

Denis Léon, Depois da Morte, (pp. 258 a 262.)

Calligaris Rodolfo, Páginas de Espiritismo Cristão, (p. 38.)

Schutel Cairbar, O Espírito do Cristianismo, (p. 311.)

Emmanuel, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (questões 354 e 355.)

Emmanuel, Roteiro, (psicografia Chico Xavier), (pp. 51 a 53.)

Emmanuel, Palavras de Emmanuel, (psicografia Chico Xavier), (pp. 93 a 97.)

Espíritos diversos, O Espírito da Verdade, (psicografia Chico Xavier), (pp. 70 e 71.)

Ângelis Joanna de, Após a Tempestade, (psicografia Divaldo P. Franco), (pp. 16 a 20.)

Ângelis Joanna de, Estudos Espíritas, (psicografia Divaldo P. Franco), (pp. 113 a 116.)

Crônicas e Artigos

Nº 201 – 20/03/2011

O Consolador – (Edo Mariani)

I. Poder da fé

A fé e a confiança

A fé e a confiança são duas virtudes que se igualam.

Kardec, em livro de sua autoria (O Evangelho segundo o Espiritismo), ensina “que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais que não consegue fazer quem duvida de si”.

Quando os homens conseguirem conquistar a confiança em si e nos outros, a vida na Terra se tornará bem mais singela e fácil de ser vivida.

A falta de confiança uns nos outros torna a humanidade infeliz. Se observarmos a conduta das pessoas, verificaremos que a vida entre elas se complica quando cresce a desconfiança. Nisto reside a origem desta enxurrada de cópias autenticadas, reconhecimentos de firmas, selos de procedência, etiquetas de holografia, artifícios que encarecem os documentos e produtos, criados pelo homem para driblar a desconfiança e a má-fé. Não se confia na lisura do procedimento do outro, daí a necessidade de tantas provas.

A confiança brota da fé. A fé, por sua vez, é um sentimento instintivo que nasce com o Espírito. Nas estruturas do Espírito, Deus coloca todas as virtudes que se deverão desenvolver com a sua evolução, com o crescimento pessoal.

Ensinam-nos as Luzes superiores que Deus criou os Espíritos todos iguais, simples e ignorantes, mas em cada um colocou os princípios de sua evolução espiritual.

A fé e a confiança se desenvolvem na criança desde os primeiros dias de vida, quando aprende a confiar nos pais, depois nos outros familiares, nos amigos e em si mesma. Daí em frente, aprende a confiar em Deus.

Se a criança é enganada desde cedo pelos pais ou sente-se insegura na companhia deles, cresce desconfiando de todos. Mais tarde, ante as vicissitudes da vida, arrostará as mais diferentes formas de dificuldade de relacionamento no ambiente social, familiar, de trabalho etc. Certo será, ainda, que não saberá confiar em Deus, passando a professar o ateísmo nas suas diferentes formas. O germen da fé continuará, para ela, cristalizado e sem evolução.

Na passagem do Evangelho de Jesus, no ato de expulsar o “demônio”- Espírito mau – o Mestre afirma: “- Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível”. (Mt., 17, 14-20.)

O “grão de mostarda”, na comparação de Jesus, representa a minúscula semente como sendo o “impulso imanente” que começa a se desenvolver no “princípio inteligente”, nos primeiros degraus dos reinos da natureza. Ao longo dos tempos, se transmuta, desenvolvendo potencialidades inatas, e, futuramente, se transforma num ser completo e de ações poderosas, ensina-nos o Espírito Hammed.

Devemos compreender que o poder da fé realmente “transporta montanhas” e que para o Espírito nada é inacessível, pois quando percebe a razão de tudo e interpreta com exatidão a sabedoria de Deus, a vida para ele não tem fronteiras.

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Ao ampliarmos nossa consciência na fé, sentiremos uma inefável serenidade íntima, porque conseguiremos entender perfeitamente que, no Universo, tudo está “como deve ser”. Não existe atraso nem erro, somente a manutenção e a segurança do “Poder Divino” garantindo a estabilidade e o aperfeiçoamento de suas criaturas e criações, conclui Hammed.

Allan Kardec ensina mais sobre a fé: “A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura, então, crê porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. Fé inabalável só é a que pode encarar, de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”.

A este resultado conduz o Espiritismo, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.

É esta a fé que precisamos desenvolver em nós, para que a paz e a confiança se tornem nossas aquisições espirituais e passem a fazer parte integrante de nós mesmos. Com ela seremos capazes de remover todas as montanhas que encontrarmos em nossas vidas, não as de pedra e terra, mas aquelas das renhidas dificuldades materiais, morais ou espirituais. Só assim estaremos, caminhando na direção da nossa felicidade.

2. A fé religiosa. Condição da fé inabalável

6. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser raciocinada ou cega. Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão.

7. Diz-se vulgarmente que a fé não se prescreve, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, nem, o que ainda é mais certo, se impõe. Não; ela se adquire e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que cumpre ir-lhe ao encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la. Tende, pois, como certo que os que dizem: “Nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos”, apenas de lábios o dizem e não do íntimo, porquanto, ao dizerem isso, tapam os ouvidos.

As provas, no entanto, chovem-lhes ao derredor; por que fogem de observá-las? Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo, inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias.

As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao renascerem, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra.

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira por que lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é deste século¹⁸, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. Fé inabalável só o é a que pode encarar, de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

A esse resultado conduz o Espiritismo, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.

Crônicas e Artigos

Nº 335 – 27/10/2013

O Consolador – (Vinícius Lima Lousada)

II. A fé religiosa. Condição da fé inabalável

Ponderações em torno da fé

“O Espiritismo estabelece como princípio que, antes de crer, é preciso compreender.”
(Allan Kardec) (1)

A FÉ DO PONTO DE VISTA KARDEQUIANO – Do ponto de vista Kardequiano, a fé pode ser compreendida como a confiança que o ser humano tem em suas próprias forças para a realização de determinada coisa, superando os obstáculos das dificuldades, da má vontade e das resistências.

Com fé em seus objetivos nobres e no próprio potencial, o indivíduo faz-se capaz de mover “montanhas” como os “preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas”(2) que, ainda, procuram interpor-se ao progresso da humanidade.

A fé, segundo o estudo proposto pelo mestre Allan Kardec em O Evangelho segundo o Espiritismo, igualmente tem por significado a confiança que se tem na realização de algo, de tal modo que, pelo pensamento, se pode conceber antecipadamente a sua efetivação e os meios para tanto. Nesse caso, essa fé confiança dá ao indivíduo tranquilidade na realização de seu tentame e favorece o êxito.

Todavia, Kardec não deixa de caracterizar a concepção de fé, à qual ele se refere como calma e geradora de paciência porque se apoia “na inteligência e na compreensão das coisas”(3), bem diferente do que ele chama de fé vacilante, aquela que se ressentida de sua própria fragilidade e, motivada pelo interesse, torna-se violenta em uma tentativa irracional de suprir a força que lhe falta.

FÉ E VIOLÊNCIA – Aliás, isso de alguma forma explica os fenômenos contemporâneos de terrorismo religioso onde, em nome de uma interpretação muito particular da doutrina do Islã, infelizes irmãos integrantes do Talibã se autorizam a explodir escolas no Paquistão (4). Trata-se de manifesta declaração da insustentabilidade de suas convicções, mediante uma postura fundamentalista frente ao raciocínio e uma resposta obscurantista à liberdade de pensar, corolário do fim da escravidão humana de outros tempos.

Para Kardec, a fé não combina com a presunção e nem com a violência. A fé deve ser humilde porque, sendo raciocinada, compreende os seus limites e reconhece a sua fortaleza na vontade de Deus, “a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”(5)

A fé presunçosa denota orgulho, imperfeição humana que produz a cegueira intelectual e moral. O orgulhoso fecha-se em si mesmo e crê-se com mais luzes que os outros. Ele cerra os ouvidos ao diálogo e às opiniões contraditórias às suas crenças, desvalorizando a oportunidade de aprender com a leitura do outro sobre as suas convicções pessoais e, quem sabe, robustecer serenamente a própria fé.

FÉ RACIOCINADA VERSUS FÉ CEGA – Do ponto de vista teológico, segundo Kardec, a fé costuma ser concebida como a crença em dogmas especiais que constituem, desse modo, as mais diferentes religiões no mundo.

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Dessa perspectiva, a fé pode ser raciocinada ou cega. A fé cega consiste naquela em que o crente não se ocupa de verificar pela lógica o objeto de sua crença que, muitas vezes, choca-se com as evidências que os fatos lhe apresentam, tanto quanto colide frontalmente com o uso da razão.

A fé cega tende a produzir fanatismo, onde cada crente teria a pretensão de que a sua religião deteria todo o conteúdo das verdades espirituais da vida. O fanatismo, por sua vez, como erro de percepção do cosmo e das Divinas Leis, tende a degenerar em intolerância e violência, como no exemplo assinalado anteriormente.

Por outro lado, a fé raciocinada mantém a liberdade de pensar como premissa de sua efetividade, ela se fortalece no raciocínio sem preconceitos e no livre-exame proporcionado pela dúvida que investiga. Nesse sentido, a fé racional não teme o progresso intelectual da coletividade, muito pelo contrário, a sua capacidade de “encarar, de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade” (6) é condição que a mantém inabalável, como ensinou o insigne codificador do Espiritismo.

FÉ NÃO SE PRESCREVE – É de bom alvitre que recordemos que a fé não pode ser prescrita ou imposta a um indivíduo. No que tange aos valores espirituais básicos é uma aquisição pessoal amadurecida a cada reencarnação do Espírito, atualizada sob a influência de questões socioculturais, contudo, é uma questão de foro íntimo.

Por fim, entendamos que a fé, para ser raciocinada, demanda que o seu ponto de apoio se estabeleça na compreensão clara e perfeita daquilo em que se crê, ou seja, em um método de raciocínio que se sustente em um sentido lúcido e profundo para a crença, no exame rigoroso dos fatos inerentes aos princípios filosóficos da escola de fé abraçada, sem deixar margem a nenhum mistério ou superstição.

Em matéria de crença aceitemos somente o que é inteligível à razão e, caso alguém queira nos impor uma fé cega, lembremo-nos da recomendação do Mestre Jesus a dizer-nos em seu Evangelho “Deixai-os; são condutores cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova.” (7)

(1) **Kardec** Allan, Revista Espírita de Fevereiro de 1867, (Livre pensamento e livre consciência, pg. 57.)

(2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XIX, item 2.)

(3) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XIX, item 3.)

(4) **Yusufzail**, Ashfaq.

(5) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 1.)

(6) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XIX, item 7.)

(7) **Mateus**, (15:14.)

Crônicas e Artigos

Nº 504 – 19/02/2017

O Consolador – (José Passini)

II. A fé religiosa. Condição da fé inabalável

Fé raciocinada

“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.” (1)

Em torno da fé existem inúmeras afirmativas negando-lhe o caráter racional. Segundo alguns teólogos, raciocina-se sobre a crença, mas não sobre a fé. A fé, segundo eles, é uma virtude, um dom que transcende a própria razão.

Por colocarem-na como virtude ou dom transcendental, pertencente exclusivamente à área do sentimento, é que muitas pessoas confundem emoção com fé. Por isso, é comum pessoas dizerem ter sentido uma fé imensa, capaz de levá-las a grandes realizações, no momento em que ouviam o relato de passagens do Evangelho, ou de ações levadas a efeito por benfeitores da Humanidade, ou até mesmo em decorrência da simples leitura de uma página edificante. A emoção, a vibração espiritual que os atos nobres suscitam nas almas já portadoras de alguma sensibilidade não pode ser confundida com fé. O estado emocional é transitório, enquanto a fé é permanente. A emoção, se analisada e orientada pela inteligência, pode ser auxiliar valiosa para levar a criatura a modificar-se para melhor. Entretanto, se não for esclarecida pela razão pode conduzir ao fanatismo, à chamada fé cega, que é a negação da própria fé.

O mundo está cheio de exemplos tristes dos frutos do fanatismo religioso. Em nome da fé, quantas perseguições, quantas mortes e até guerras? Ainda nos dias atuais, principalmente na semana santa, existem pessoas que vertem seu próprio sangue, ferindo seus corpos, ou se entregam a privações terríveis no intuito de mostrar sua fé em Deus. Se raciocinassem, veriam que Deus, como Pai amoroso, bom e misericordioso, nunca poderia ser homenageado com o derramamento do sangue dos Seus filhos. Essa concepção de um deus sanguinário, combateu-a o Profeta Elias, séculos antes de Jesus, quando enfrentou os sacerdotes adoradores do deus Baal.

(I Reis, 18: 22 a 40.)

Aprende-se no Espiritismo que, na sua caminhada evolutiva, o Espírito vai conhecendo as leis de Deus, vai percebendo-lhes a perfeição e, quanto mais as conhece, mais se identifica com elas, mais confia na justiça e no amor do Criador, mais se conscientiza da Sua perfeição, mais tem fé. Essa, a fé que nasce do entendimento: inabalável, indestrutível.

Emmanuel ensina: “Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade. Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer eu creio, mas afirmar eu sei, com todos os valores da razão, tocados pela luz do sentimento” (2).

A fé que o Espiritismo preconiza não é uma fé contemplativa, capaz de levar uma pessoa à imobilidade, em situações de êxtase, em que fica aguardando providências de Deus em seu favor. Ao contrário, é uma fé dinâmica, edificada vagarosa e conscientemente pelo Espírito, à medida que evolui, conforme ensina Emmanuel: “A árvore da fé viva não cresce no coração miraculosamente. A conquista da crença edificante não é serviço de menor esforço. A maioria das pessoas admite que a fé constitua milagrosa auréola doada a alguns Espíritos privilegiados pelo favor divino” (3).

A fé espírita não é aquela que se fixa em objetos materiais como cruzes, escapulários, bentinhos, talismãs, amuletos, medalhas etc. O espírita tem fé em Deus, em Jesus, nos bons Espíritos,

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

entidades dotadas de sentimento e de inteligência, seres capazes de movimentar recursos em seu favor. Essa fé é muito diferente da crença infantil num pretensão poder mágico de objetos materiais, que não poderiam jamais movimentar, com inteligência e sentimento, recursos a benefício de alguém.

Entretanto, é lícito se indague sobre a origem da fé raciocinada. Teria ela nascido com o Espiritismo? Não, a fé raciocinada nos vem de Jesus, dos ensinamentos do seu Evangelho. O Mestre mudou completamente o próprio conceito de religião, introduzindo no campo até então puramente emocional da fé, o componente razão, entendimento. Ninguém, até Jesus, fez tantos apelos ao raciocínio no âmbito religioso. Kardec, conhecedor profundo da atuação de Jesus, o conhecia, não como um místico, mas como um educador de almas que, ao tempo em que tocava o sentimento daqueles que o ouviam, sabia também levá-los ao entendimento das lições. Por isso, tem a Doutrina Espírita essa característica de racionalidade. E não podia ser de outra forma, de vez que ao Espiritismo coube o papel de reviver o Cristianismo na sua pureza, simplicidade e pujança originais.

Jesus nunca explorou a emoção de ninguém. Sua fala, mansa e humilde, precisa e firme, era dirigida ao sentimento e à inteligência. Suas lições foram sempre pautadas no diálogo, através do qual propunha o exame racional daquilo que ensinava.

Censurado por haver curado uma mulher paraplégica num sábado, bem poderia deixar que a própria cura falasse por ele, mas não perdeu a oportunidade de, através de uma pergunta, fazer pensar aqueles que o ouviam: “no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou o jumento, e não o leva a beber? E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás a tinha presa?”
(Lc, 13: 15 e 16).

De outra feita, ele próprio perguntou aos doutores da lei, antes de curar um homem: “É lícito curar no sábado?”
(Lc, 14: 3).

Como não respondessem, Jesus curou o hidrópico e o despediu. Depois, ele volta a inquiri-los, a fim de conscientizá-los de que acima da letra morta há uma interpretação racional, inteligente: “Qual de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo?”
(Lc, 14: 5).

“E, orando, não useis de vãs repetições.”
(Mt, 6: 7).

Quer o Mestre dizer que devemos orar com plena consciência daquilo que falamos, que a nossa oração não seja uma repetição emocional de uma fórmula decorada, como se fosse algo recitado ou declamado. Ao contrário, que seja uma mensagem conscientemente elaborada, com um conteúdo de comunicação dirigida ao Alto, e que não seja uma simples ladainha.

Jesus, ao conversar com a samaritana, à beira do poço de Jacó, demonstra que não necessitava inquirir alguém para informar-se de algo. Ali deixa claro para ela que conhecia-lhe o passado como a palma de sua mão
(Jo, 4: 17).

Entretanto, frequentemente fazia perguntas para suscitar dúvida no seu interlocutor, a fim de fazê-lo pensar, raciocinar e não receber passivamente um ensinamento: “Qual é mais fácil? Dizer: Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: Levanta-te e anda?”
(Lc, 5: 23).

Ao invés, de fazer um discurso eloquente e emocionado sobre a Providência Divina, o Mestre busca, através de perguntas, levar seus ouvintes a pensarem, a raciocinarem sobre Deus. Depois

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

de Ihes ter falado sobre os lírios do campo, dizendo que Deus os veste, e compara sua vestimenta ao luxo do rei Salomão: “Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?” (Mt, 6: 30).

“E qual de vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que Lhos pedirem?” (Mt, 7: 9 a 11).

Também por essa passagem pode-se ver que Jesus não buscava levar ninguém a uma adoração emotiva, a uma fé cega. Ele poderia ter dito, por exemplo que se deve ter fé em Deus, criador de tudo o que existe, que é bom, amoroso, misericordioso, providente etc. Mas não, só isso não bastava. Se ficasse só nessas afirmações, teria suscitado uma fé passiva. Ele queria fazer as criaturas entenderem, através de uma comparação, que o Todo Poderoso deveria ser, necessariamente, melhor que um pai terreno e, portanto, capaz de dar maiores bens aos Seus filhos.

Os apelos que Jesus, nas suas lições, fazia não só ao sentimento, mas também à inteligência, foram objeto de estudo até mesmo fora do ambiente religioso, por um médico psiquiatra, Augusto Jorge Cury, quando diz: “ele não anulava arte de pensar, ao contrário, era um mestre intrigante nessa arte. Cristo não discorria sobre uma fé sem inteligência. Para ele, primeiro se deveria exercer a capacidade de pensar e refletir antes de crer, depois vinha o crer sem duvidar. Se estudarmos os quatro evangelhos e investigarmos a maneira como Cristo agia e expressava seus pensamentos, constataremos que pensar com liberdade e consciência era uma obra-prima para ele”. (4)

O trecho do Novo Testamento que mais evidencia o ambiente pedagógico, de diálogo, de liberdade de análise, na busca de esclarecimentos, que Jesus propiciava a todos que ouviam-lhe as lições é, certamente, o assim chamado “A Transfiguração”. Registra Mateus, no capítulo 17, que Jesus subiu a um alto monte, acompanhado de Pedro, Tiago e João. O Mestre orou e se transfigurou, cobrindo-se de luz, ao tempo em que apareceram – seguramente materializados, pois que os três discípulos os viram – Moisés e Elias, que conversaram com ele. Passado o momento sublime, ao regressarem, o Mestre ordena aos discípulos que não contem nada do que acontecera até que ele ressuscitasse. É de se imaginar o contentamento e a emoção que devem ter sentido aqueles discípulos ao contemplarem Jesus coberto de luz, Moisés, o pai dos profetas, e o grande profeta Elias. Entretanto, eles não se detiveram em atitude de contemplação mística, de deslumbramento. Pelo contrário, o raciocínio funcionou imediatamente, na busca de resposta para algo que Ihes pareceu estranho: “E os discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?”

(Mt, 17: 10).

Por que a pergunta? Ora, havia sido predito pelos profetas – e os escribas sempre o repetiam – que o Mestre seria precedido por Elias, que voltaria para preparar-lhe o caminho. Os discípulos, vendo Elias desencarnado, deduziram que algo estava errado: ou as profecias não espelhavam a verdade, ou aquele que se apresentara e conversara com Jesus não era Elias, ou Jesus não era o Messias! Jesus, com a tranquilidade daqueles que detêm a verdade, respondendo, disse-lhes: “Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem” (Mt, 17: 12).

E, em seguida, conclui o Evangelista: “Então entenderam os discípulos que Ihes falara de João Batista”

(Mt, 17: 13).

Tudo estava certo. A profecia já se havia cumprido.

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Diante do que se acabou de ver, conclui-se que Jesus foi um pedagogo e não um místico. Sabia atrair seus ouvintes com as doces consolações da fé, mas não alimentava atitudes de deslumbramento contemplativo, face aos apelos ao raciocínio com que mesclava suas sublimes lições. Encaminhava-os ao entendimento lógico, racional dos fatos! Jesus, como Mestre admirável que foi, soube criar um clima de diálogo aberto. Foi essa liberdade que levou os discípulos a buscarem imediatamente esclarecimento sobre a aparição de Elias, embora a pergunta formulada por eles contivesse embutido um grave questionamento, qual seja o da própria condição de Messias do seu Mestre. Jesus não se sente agastado e, com a segurança daqueles que estão com a Verdade, os esclarece. Assim, vê-se claramente que Jesus não impunha suas ideias, não violentava consciências, nem exigia fé cega, sem exame. Não. Sua mensagem sempre foi dirigida ao intelecto e ao sentimento, bases legítimas da fé raciocinada, que o Espiritismo veio reviver.

Referências:

1. **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 19, item 7.)
2. **Emmanuel**, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (pergunta. 354.)
3. **Emmanuel**, Caminho, Verdade e Vida, (psicografia Chico Xavier), (cap. 40.)
4. **Cury** Augusto Jorge, Análise da Inteligência de Cristo, (pág. 18.)
5. **Bíblia** Sagrada, (todas as citações.)

3. Parábola da Figueira que Secou

8. Quando saíam de Betânia, Ele teve fome; e, vendo ao longe uma figueira, para ela encaminhou-se, a ver se acharia alguma coisa; tendo-se, porém, aproximado, só achou folhas, visto não ser tempo de figos. Então, disse Jesus à figueira: “Que ninguém coma de ti fruto algum.” — o que seus discípulos ouviram. No dia seguinte, ao passarem pela figueira, viram que secara até a raiz. Pedro, lembrando-se do que dissera Jesus, disse: “Mestre, olha como secou a figueira que Tu amaldiçoaste.” — Jesus, tomando a palavra, lhes disse: “Tende fé em Deus. Digo-vos, em verdade, que aquele que disser a esta montanha: ‘Tira-te daí e lança-te ao mar’, mas sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, firmemente, de que tudo o que houver dito acontecerá, verá que, com efeito, acontece.”
(Marcos, 11:12 a 14 e 20 a 23.)

N.E. de 1948: Kardec escreveu essas palavras no século XIX. Hoje, o espírito humano tornou-se ainda mais exigente: a fé cega está abandonada; reina a descrença nas Igrejas que a impunham. As massas humanas vivem sem ideal, sem esperança em outra vida e tentam transformar o mundo pela violência.

As lutas econômicas engendraram as mais exóticas doutrinas de ação e reação. Duas guerras mundiais assolaram o planeta, numa ânsia furiosa de predomínio econômico.

Toda a esperança da Humanidade hoje se apoia no Espiritismo, na restauração do Cristianismo, baseada em fatos que demonstram os princípios básicos da doutrina cristã: eternidade da vida, responsabilidade ilimitada de pensamentos, palavras e atos.

Sem a Terceira Revelação o mundo estaria irremediavelmente perdido pelo choque das mais desencontradas ideologias materialistas e que pregam a violência.

9. A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entretanto, revelem, quando perscrutadas, algo de substancial para os corações. É de perguntar-se que proveito tiraram delas os que as escutaram.

Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carentes de base sólida. O que as mais das vezes falta é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, a fé, numa palavra, que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, porém, baldas de frutos. Por isso é que Jesus as condena à esterilidade, porquanto dia virá em que se acharão secas até a raiz. Quer dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que nenhum bem para a Humanidade houverem produzido, cairão reduzidas a nada; que todos os homens deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; suprem, nestes últimos, a falta de órgãos materiais pelos quais transmitam suas instruções.

Daí vem o serem dotados de faculdades para esse efeito. Nos tempos atuais, de renovação social, cabe-lhes uma missão especialíssima; são árvores destinadas a fornecer alimento espiritual a seus irmãos; multiplicam-se em número, para que abunde o alimento; há-os por toda a parte, em todos os países, em todas as classes da sociedade, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que em nenhum ponto faltem e a fim de ficar demonstrado aos homens que todos são chamados.

Se, porém, eles desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a empregam em coisas fúteis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos sazonados dão maus frutos, se se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se nenhum proveito tiram dela para si mesmos, melhorando-se, são quais a

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil neles: a semente que não sabem fazer que frutifique, e consentirá que se tornem presas dos Espíritos maus.

Crônicas e Artigos

Nº 401 – 15/02/2015

O Consolador – (Rogério Coelho)

III. Parábola da figueira que secou

Espíritos falidos

A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem.

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha”.

(Jesus, Mt., 7:24.)

A “Parábola das dez virgens” ratifica a questão da prudência que leva a criatura a estar permanentemente preparada, em “vigilância e oração”, conforme a importantíssima recomendação de Jesus, para as vertiginosas mudanças que ocorrem, em especial, por ocasião da desencarnação.

A maioria dos encarnados nos assemelhamos às cinco virgens loucas da parábola: passamos todo o tempo da encarnação toscanando e dormindo. Quando a desencarnação chega, de inopino, encontramos-nos totalmente despreparados para ela.

Perdidos em estado de semidemência, vagamos pelo Mundo Espiritual batendo às portas que não se nos abrem, dizendo: “Senhor, Senhor, abre-nos!”

E Ele, respondendo, diz: “Em verdade vos digo que não vos conheço”.

Surpresos com a indiferença do Senhor para conosco (que nos julgávamos um de Seus trabalhadores), ainda retrucamos: “Senhor! Senhor! Não profetizamos em teu nome? Não doutrinamos os Espíritos obsessores? Não aplicamos passes e fizemos inúmeras conferências exaltando o teu Evangelho de Luz?”

O Senhor, então, nos responderá: “afastai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade! Vós que semeastes a cizânia; que malversastes os talentos que vos foram dados para a edificação de Meu Reino na Terra; vós que, ao invés, de unir-vos em um feixe de varas aos vossos irmãos de lutas e de ideal para vos fortalecerdes, os agredistes com o azorrague da impiedade e da intolerância, em torneios verbais improdutivos; vós que vos iludistes com os falsos pruridos do autoritarismo; vós que cerceastes os trabalhos de iluminação das mentes e impusestes travos de dores aos corações animosos estorvando-lhes os passos!”.

André Luiz⁽¹⁾ reporta-se às histórias de Belarmino Ferreira e Monteiro, dois doutrinadores falidos, que embora tendo ambos dedicado largo tempo de suas encarnações ao trabalho espírita, passaram maus momentos no Mundo Maior, após as respectivas desencarnações.

Emanhado em excessivo apego à posição de comando do barco doutrinário, Belarmino desviou a direção dos trabalhos para a arena enganosa dos interesses materiais, substituindo a doçura do Evangelho pela frieza dos preceitos científicos das provas insofismáveis, na busca dos inconfessáveis interesses de ordem material. Pretendeu fazer, dos Espíritos, degraus para a conquista das mordomias terrestres. Como não lograsse o desiderato, desanimado com a falta dos resultados ambicionados junto aos Espíritos, transferiu-se para a politicagem mundana, acabando seus dias com uma bela situação financeira no mundo e um corpo crivado de enfermidades; com um palácio confortável de pedra e um deserto no coração.

Já Monteiro, talhando o Espiritismo a seu modo, possuindo mais raciocínios na cabeça do que sentimentos no coração, com as tarefas de doutrinação instalara enorme entusiasmo em seu Espírito, especializando-se, sobretudo no atendimento aos obsessores de variegado matiz.

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Explica André Luiz: “sob seu controle direto, Monteiro tinha alguns médiuns de efeitos físicos, além de outros dedicados à psicografia e à incorporação; e tamanho era o fascínio que o comércio com o invisível exercia sobre ele, que se distraiu completamente quanto à essência moral da Doutrina Espírita. Frequentava quatro reuniões semanais, às quais comparecia com assiduidade absoluta. Tinha sempre longas exortações decoradas na ponta da língua. Aos sofrendores, fazia ver que padeciam por culpa própria.

Aos embusteiros, recomendava, enfaticamente, a abstenção da mentira criminoso. Arremetia-se aos casos de obsessão com apaixonado ardor. Estimava enfrentar obsessores cruéis para reduzi-los a zero, no campo da argumentação pesada. Outra característica que lhe assinalava a ação firme era a dominação que pretendia exercer sobre alguns pobres sacerdotes católicos romanos desencarnados, em situação de ignorância das Verdades divinas. Chegava ao cúmulo de estudar, pacientemente, longos trechos das Escrituras, não para meditá-los com o entendimento, mas por mastigá-los a seu bel-prazer, bolçando-os depois aos Espíritos perturbados, em plena sessão, com a ideia criminoso de falsa superioridade espiritual.

O apego às manifestações exteriores desorientou-o completamente. Acendia luzes para os outros, preferindo, porém, os caminhos escuros e esquecendo a si mesmo.

Por vezes, após longa doutrinação sobre a paciência, impondo pesadíssimas obrigações aos desencarnados, abria as janelas do grupo de suas atividades, para descompor as crianças que brincavam inocentemente na rua. Concitava os perturbados invisíveis a conservarem serenidade para daí a instantes, repreender senhores humildes, presentes à reunião, quando não podiam conter o pranto de algum pequenino enfermo. Isso, quanto a coisas mínimas, porque, no seu estabelecimento comercial, suas atitudes eram inflexíveis. Raro o mês que não mandasse promissórias a protesto público. Não se demovia aos rogos súplices de alguns varejistas para dilação dos prazos dos débitos e os seus advogados já lhe conheciam as implacáveis deliberações. Passava os dias no escritório estudando a melhor maneira de perseguir os clientes em atraso, entre preocupações e observações nem sempre muito retas e, à noite, ia ensinar o amor aos semelhantes, a paciência e a doçura, exaltando o sofrimento e a luta como estradas benditas de preparação para Deus. Andava cego. Não conseguia perceber que a existência terrestre, por si só, é uma sessão permanente.

De desvio em desvio a angina encontrou-o absolutamente distraído da realidade essencial. Passou para o Mundo Maior qual demente necessitado de hospício. Tarde reconheceu que abusara das sublimes faculdades do verbo. Como ensinar sem exemplo, dirigir sem amor? Entidades perigosas e revoltadas aguardaram-no à saída do plano físico. Mesmo nessa situação dolorosa, seu raciocínio pedia socorro divino, mas seu sentimento agarrava-se a objetivos inferiores; a cabeça dirigia-se em súplicas ao Céu, mas o coração colava-se à Terra. Rodearam-no, então, seres malévolos que lhe repetiam longas frases que ele mesmo arengava nas reuniões mediúnicas na direção dos obsessores. Com atitude irônica, recomendavam-lhe serenidade, paciência e perdão às alheias faltas; e perguntavam-lhe por que não se desgarrava do mundo, estando já desencarnado.

Monteiro vociferava, rogava, gritava, mas teve que suportar esse tormento por muito tempo. Mesmo depois que foi socorrido pela Misericórdia Divina, o infeliz ainda estava revoltado, descontente, indignado. Não havia fomentado as sessões de intercâmbio entre os dois planos? Não se consagrara ao esclarecimento dos desencarnados?

Após os tratamentos iniciais, como permanecesse a revolta, Monteiro solicitou uma audiência com a Ministra Veneranda. Queria explicações que pudessem atender ao seu capricho individual. Na presença da Ministra, chorou amargamente, crivando-lhe os ouvidos com suas descabidas lamentações. Em silêncio expressivo, a Ministra, por um prodígio de paciência, escutou-o por

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

duas horas, deixando que se cansasse na exposição longa e inútil. Quando se calou, à espera de palavras que alimentassem o monstro de sua incompreensão, Veneranda sorriu e respondeu com gentileza e sabedoria: “Monteiro, meu amigo, a causa de sua derrota não é complexa, nem difícil de explicar. Entregou-se você excessivamente ao Espiritismo prático, junto dos homens, nossos irmãos, **mas nunca se interessou pela verdadeira prática do Espiritismo junto de Jesus, nosso Mestre**”.

Livro divino, o Evangelho não nos expõe seus tesouros sagrados enquanto permanecemos na cegueira da vaidade e da ignorância. Da mesma maneira, os Espíritos Superiores não se submetem ao talante dos ambiciosos e parvos.

O equívoco não é apanágio tão somente dos doutrinadores, mas também de muitos outros trabalhadores da Seara Espírita que se envasam na vaidade, olvidados da assertiva de João, o Batista, que disse que nós temos que nos apequenar para que Jesus cresça. E pelo número de “trabalhadores” que exigem tapetes vermelhos para o desfile da vaidade e se entregam ao culto do personalismo dissolvente, as reuniões mediúnicas em futuro próximo terão farta clientela de sofreadores revoltados e perplexos.

Recentemente chegou-nos do Mundo Espiritual a informação de que um confrade muito dedicado à tribuna espírita, com a sua agenda sempre repleta de compromissos, enfrentava triste realidade no Lado de Lá: vitimado por morte súbita e inesperada, ainda em idade produtiva, ficou por mais de um ano vagando pelo Mundo Espiritual, sem rumo, desorientado, perplexo e inconformado com a própria desencarnação. Não se resignava por ter desencarnado mais cedo do que esperava e muito menos com a maneira que a ‘morte’ se deu. Cabeça cheia de raciocínio, coração vazio de sentimento e mãos sem obras oferecem passaporte para superlativas agonias e desaires post mortem. Conhecendo estes fatos podemos compreender melhor por que Jesus afirmou(2): “o servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado. Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado”.

Escrevendo aos coríntios e aos efésios, Paulo recomendava que se purificassem do velho fermento para transformarem-se em nova massa, conclamando-os a se coe edificarem em Cristo, transformando seus Espíritos em uma habitação de Deus. Só assim poderemos reconhecer em nós próprios a ‘morada divina’ cujos alicerces são erguidos com o cimento das verdades imarcescíveis no interior da qual reina o Amor que salva, educa e transporta-nos dos vales sombrios da ignorância para os cimos alcandorados dos Céus Infinitos.

O ínclito Codificador do Espiritismo(3) traduz de maneira clara e insofismável o sentido da ‘Parábola da figueira que secou’, que na verdade sintetiza de forma magistral todos os fatos que acabamos de narrar: “a figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entretanto, revelem, quando perscrutadas, algo de substancial para os corações. Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são.

São árvores cobertas de folhas, porém, baldas de frutos. Por isso é que Jesus as condena à esterilidade, porquanto dia virá em que se acharão secas até a raiz. Quer dizer que todas as criaturas deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratadas como a figueira que secou.

Nos tempos atuais, de renovação social, cabe aos médiuns uma missão especialíssima: são árvores destinadas a fornecer alimento espiritual a seus irmãos; multiplicam-se em número, para que abunde o alimento; há-os por toda a parte, em todos os países em todas as classes da

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

sociedade, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que em nenhum ponto faltem e a fim de ficar demonstrado aos homens que todos são chamados. Se, porém, eles desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a empregam em coisas fúteis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos sazonados dão maus frutos e se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se nenhum proveito tiram dela para si mesmos, melhorando-se, são quais a figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil neles: a semente que não sabem fazer que frutifique, e consentirá que se tornem presas dos Espíritos maus”.

(1) **André Luiz**, Os mensageiros, psicografia (Chico Xavier), (cap. 11 e 12.)

(2) (**Lucas**, 12:47 e 48.)

(3) **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. XIX), (itens 9 e 10.)

O Evangelho segundo Marcos

29. **Os saduceus e a ressurreição** – Alguns saduceus, pessoas que não acreditavam na ressurreição, aproximaram-se de Jesus e perguntaram: “Mestre, Moisés nos deixou escrito que se morrer o irmão de alguém, deixando mulher, e não tiver filhos, seu irmão casará com a viúva e dará sucessão ao falecido.

Havia sete irmãos: o primeiro casou-se e morreu sem deixar sucessão; o segundo desposou a viúva e morreu, não deixando sucessão; e do mesmo modo o terceiro; assim nenhum dos sete deixou sucessão.

Depois de todos morreu também a mulher. Na ressurreição, quando ressuscitarem, de qual deles será ela mulher? pois os sete casaram com ela”. Respondeu-lhes Jesus: “Não provém o vosso erro de não saberdes as Escrituras, nem o poder de Deus? Pois quando ressuscitarem dentre os mortos, nem os homens casam, nem as mulheres são dadas em casamento; porém são como os anjos nos céus. Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido no livro de Moisés na passagem concernente à sarça, como Deus lhe falou: **Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob?** Ele não é Deus de mortos, mas de vivos”.

(Marcos, 12:18 a 12:27.)

30. **Jesus é filho de Davi?** – Estando no templo, quando ali ensinava o povo, Jesus perguntou: “Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?” E acrescentou: “O próprio Davi falou, movido pelo Espírito Santo: **Disse o Senhor ao meu Senhor; senta-te à minha mão direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.** O próprio Davi chama-lhe Senhor; como é ele seu filho?” A multidão ouvia-o com prazer. Jesus, então, advertiu-a, dizendo: “Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes compridas, de ser saudados na praça, e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas e fazem por pretexto longas orações; estes hão de receber muito maior condenação”.

(Marcos, 12:35 a 12:40.)

31. **O óbolo da viúva** – Em seguida, sentando-se em frente ao gazofilácio, observava como o povo deitava ali o seu dinheiro. Ora, muitos ricos deitavam grandes quantias; mas, vindo uma pobre viúva, deitou ali duas pequenas moedas, do valor de um quadrante. Chamando seus discípulos, o Mestre lhes disse: “Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais no gazofilácio que todos os ofertantes, porque estes deram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo o que tinha para o seu sustento”.

(Marcos, 12:41 a 12:44.)

32. **O sermão profético anuncia guerras, terremotos e fome** – Ao saírem do templo, disse-lhe um de seus discípulos: “Olha, Mestre, que pedras e que edifícios!” Jesus, contudo, avisou-o: “Vês estes grandes edifícios? não ficará pedra, que não seja derribada”. Dito isto, dirigiram-se ao monte das Oliveiras, situado defronte do templo, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram, em particular: “Dize-nos, quando sucederão estas cousas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir?” Jesus lhes respondeu: “Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos. Quando, porém, ouvirdes falar de guerras, não vos assusteis; porque é necessário que assim aconteça, mas não é ainda o fim. Pois se levantará nação contra nação, e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares, e haverá fome: estas cousas são o princípio de dores. Estai vós de sobreaviso; pois vos hão de entregar aos tribunais, e sereis açoitados nas sinagogas, e haveis de comparecer diante dos reis e

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

governadores por minha causa, para lhes servir de testemunho. Mas é necessário que primeiro o Evangelho seja pregado a todas as nações”.
(Marcos, 13:1 a 13:10.)

33. Aquele que perseverar até o fim será salvo – Jesus recomendou-lhes ainda: “Quando vos conduzirem para vos entregar, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas falai o que vos for dado naquela hora; porque não sois vós que falais, mas o Espírito Santo. Um irmão entregará à morte a seu irmão, e um pai a seu filho; os filhos se levantarão contra seus pais e os farão morrer. Sereis também odiados de todos por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo. Quando, porém, virdes a abominação da desolação estar onde não deve (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; o que se achar no eirado, não desça nem entre para tirar as cousas de sua casa, e o que estiver no campo, não volte para tomar a sua capa. Mas ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Rogai que não suceda isto no inverno; porque aqueles dias serão de tribulação, tal qual nunca houve desde o princípio da criação por Deus feita até agora, nem haverá jamais. Se o Senhor não abreviasse aqueles dias, ninguém seria salvo; mas por causa dos eleitos, que ele escolheu, os abreviou”.
(Marcos, 13:11 a 13:20.)

4. Instruções dos Espíritos 1. A fé: mãe da esperança e da caridade

11. Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.

A esperança e a caridade são corolários da fé e formam com esta uma trindade inseparável. Não é a fé que faculta a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Se não tendes fé, qual será o vosso reconhecimento e, portanto, o vosso amor?

Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração. Preciso é, pois, que essa base seja forte e durável, porquanto, se a mais ligeira dúvida a abalar, que será do edifício que sobre ela construirdes? Levantai, conseqüentemente, esse edifício sobre alicerces inamovíveis. Seja mais forte a vossa fé do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, visto que a fé que não afronta o ridículo dos homens não é fé verdadeira.

A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as, escuta. Pregai pelo exemplo da vossa fé, para a incutirdes nos homens. Pregai pelo exemplo das vossas obras para lhes demonstrardes o merecimento da fé. Pregai pela vossa esperança firme, para lhes dardes a ver a confiança que fortifica e põe a criatura em condições de enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Tende, pois, a fé, com o que ela contém de belo e de bom, com a sua pureza, com a sua racionalidade. Não admitais a fé sem comprovação, cega filha da cegueira. Amai a Deus, mas sabendo porque o amais; crede nas suas promessas, mas sabendo porque acreditais nelas; segui os nossos conselhos, mas compenetrados do fim que vos apontamos e dos meios que vos trazemos para o atingirdes. Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé. (José, Espírito protetor, Bordeaux, 1862.)

Crônicas e Artigos

Nº 236 – 20/11/2011

O Consolador – (Wilson Czerski)

IV. Instruções dos Espíritos

I. A Fé: mãe da esperança e da caridade

Alguns aspectos da fé

Para os materialistas a fé é uma muleta psicológica. Para os religiosos é a alavanca que move montanhas. Falamos em quatro diferentes tipos de fé: a depositada em Deus, a confiança na proteção de entidades espirituais, a que acredita nas próprias possibilidades e a praticada em relação aos outros indivíduos. Examinemos cada uma delas.

Ter fé nas outras pessoas significa confiar nos seus bons princípios e propósitos. A própria legislação penal prevê que se é inocente até prova em contrário. Desarmar Espíritos e se despir de preconceitos para enxergar para além das aparências. As palavras e atitudes alheias devem ser tomadas como verdadeiras.

Naturalmente no mundo atual não podemos ser ingênuos e confiar cegamente em qualquer um que nos apareça à frente, deixando-nos ludibriar pelos espertalhões, tanto os “vivos” como os desencarnados.

Queremos dizer que devemos usar o bom senso e avaliar racionalmente as circunstâncias, dar uma chance de que o outro demonstre sua sinceridade de intenções.

Não podemos é ser coniventes com o erro, a desonestidade, a mentira dos encarnados nem aceitar sem exame instruções ou conselhos de Espíritos. Allan Kardec sempre teve o extremo cuidado de, ao lidar com a mediunidade, observar, inquirir, analisar as comunicações espirituais, sabedor de que os comunicantes não são possuidores de toda a verdade. Mesmo os bem-intencionados só falam do que sabem. E há os chamados “falsos profetas” que premeditadamente tentam iludir e fraudar.

Exemplo: há os verdadeiros necessitados de esmola e os profissionais da mendicância. Como distingui-los? Conversando, despendendo tempo com eles, usando da paciência e da caridade. Outra situação: no ambiente de trabalho ficar atento para não ser envolvido por colegas negligentes ou desonestos, cuidando para que a nossa amizade sincera não obscureça a razão.

Outro tipo de fé é a capacidade de crer nas próprias possibilidades. Essencial para uma vida de sucesso, mas deve ser isenta da presunção que faz crer superioridade a tudo e todos. Humildade, pois sem Deus nada é possível. Incluímos também as grandes realizações coletivas, científicas, sociais, religiosas e políticas.

Sois deuses, afirmou Jesus, porém sempre subordinados à vontade maior do Pai. Além disso é preciso respeitar os limites da realidade atingível e as injunções cármicas. Por maior que seja o otimismo e mesmo a fé em Deus, nos outros e nos Espíritos Benfeitores, há experiências pelas quais temos que passar obrigatoriamente. Reajustes programados pela lei de Causa e Efeito que materializa a justiça divina. Erros do passado, algumas vezes, até podem ser ressarcidos pela prática do Bem, mas em outras só a dor se faz o remédio único que promoverá a cura da alma. Por falar em cura, lembramos a declaração do Cristo à mulher que sangrava há doze anos: Tua fé te curou. Mas porque ela apresentava merecimento ou sua expiação já havia chegado ao fim.

A fé em si mesmo realiza os chamados sonhos impossíveis e as vitórias pessoais de deficientes, o sucesso nas paraolimpíadas. Ou nas pesquisas científicas que provam o aumento da imunidade orgânica contra as doenças para aqueles que praticam algum credo religioso.

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

A fé nos seres superiores passa também pelos limites de leis. Nem tudo eles têm autorização para nos conceder. Se não conseguirmos o solicitado, nada de revolta. Eles indicam caminhos, dão orientações e estímulos pelas inspirações, mas não interferem em nosso livre-arbítrio e destino.

A fé em Deus deve ser calma e paciente, apoiada na inteligência. Não pode ser estagnada, morna ou só da boca para fora; tem que ser prática, dinâmica e racional, baseada no conhecimento e não em dogmas irracionais. “Creio porque sei e não porque alguém impôs”.

A fluidoterapia é eficaz, mas não faz milagres. Possui bases morais e científicas, não é um ritual.

A fé cega leva ao fanatismo, ao apego à letra que mata, a, perseguições, e lutas, ao terrorismo; a fé racional liberta. O orgulho atrapalha. Lembramos sábias lições.

Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda direis ao monte ‘muda-te daqui para acolá e ele se mudará’.

Ou com o salmista: “Se o Senhor está conosco, quem poderá estar contra? Nada me faltará”.

Talvez seja mais correto dizer que se nós estamos com o Senhor, porque Deus é onipresente e sempre está conosco.

Somos nós que lhe barramos a entrada, trancando as portas do coração e da mente.

Criamos uma carapaça de energias negativas constituídas pelo egoísmo, vícios, mau pensar, mau sentir e mau agir.

A fé é filha da esperança, mãe da caridade e irmã da perseverança. Inspira a caridade verdadeira e desinteressada.

É a base para a eficácia da oração. Pronunciar Seja feita a tua vontade, no “Pai Nosso”, requer reflexão. Einstein: “A religião sem a ciência é cega e a ciência sem a fé é manca”.

Já para Allan Kardec: “A fé verdadeira é a que pode encarar a razão face a face em qualquer época da humanidade.”

Editorial

Nº 458 – 27/03/2016

O Consolador

IV. Instruções dos Espíritos

I. A Fé: mãe da esperança e da caridade

A esperança é a luz do cristão

Nos últimos tempos, um assunto que não sai do noticiário é a crise econômica internacional, fruto exclusivo da crise moral sem precedentes que tem abalado certas nações.

Ante um cenário tão desfavorável, cujo desfecho é difícil de imaginar, só nos resta a esperança, essa virtude tão importante na vida dos homens, que compõe, ao lado da fé e da caridade, as chamadas virtudes teológicas.

Com efeito, Paulo de Tarso escreveu:

“Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade. Porém, a maior delas é a caridade.”
(1ª. Epístola aos Coríntios, 13:13.)

Filha dileta da fé, a esperança está para a sua mãe como a luz reflexa dos planetas do nosso sistema está para a luz do Sol. “A esperança – acrescenta Emmanuel – é como o luar que se constitui dos bálsamos da crença. A fé é a divina claridade da certeza.”

(O Consolador, 257.)

Muitas pessoas não se esquecem das inúmeras vezes em que deram seu voto a indivíduos que, logo que assumiram o poder, se esqueceram das promessas de campanha e passaram a fazer exatamente o oposto do que prometiam.

Tal fato provoca nas pessoas assim enganadas o sentimento de desesperança, que é o oposto da virtude apregoada pelo Apóstolo dos gentios.

Aprendemos com os ensinamentos espíritas que o esforço individual estabelece a necessária e natural diferenciação entre as criaturas. Todavia, assegura o Espiritismo, a distribuição das oportunidades é sempre a mesma para todos.

Sem discriminação de ninguém, todos recebem, ao longo das existências sucessivas, possibilidades idênticas de crescimento mental e elevação ao campo superior da vida. Ocorre, no entanto, que, apesar disso, muitos, ao longo da vida, se afastam da luz e da fé.

Enquanto dispõem de saúde e do tesouro das possibilidades humanas, valem-se de ironia e sarcasmo toda vez que alguém os conclama ao divino concerto. Mais tarde, porém, ao apagar das luzes terrestres, inabilitados à movimentação no campo da fantasia, costumam revoltar-se contra Deus e contra a vida, precipitando-se em abismos de desespero.

Invigilantes, deixam-se absorver pelas preocupações imediatistas da esfera inferior, transformando esperanças em ambições criminosas, expressões de confiança em fanatismo cego, aspirações transcendentais em interesses mesquinhos.

Em vão se faz ouvir a palavra delicada do Senhor no santuário interno, quando obcecados pelas ilusões do plano físico perdem eles a faculdade de escutar. É que entre as coisas que pensam e as advertências contidas nas lições do Evangelho erguem-se fronteiras espessas de egoísmo cristalizado e de viciosa aflição.

E assim, a pouco e pouco, o homem que chegou à Terra rico de ideais e realizações transitórias, passa à condição de mendigo de luz e paz, na velhice e na morte.

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

E é muito bom que os personagens e autores das crises saibam, que estão cavando para si mesmos um abismo de dor, de decepção e de remorso que exigirá um longo processo de expiação e reparação, como estabelece a Justiça Divina, a que ninguém, rico ou pobre, fraco ou poderoso, doutor ou analfabeto, consegue escapar.

“A esperança é a luz do cristão” – afirmou Emmanuel pelas mãos de Chico Xavier e, em seguida, completou:

“Nem todos conseguem, por enquanto, o voo sublime da fé, mas a força da esperança é tesouro comum.

Nem todos podem oferecer, quando querem, o pão do corpo e a lição espiritual, mas ninguém na Terra está impedido de espalhar os benefícios da esperança.”

(Vinha de Luz, cap. 75.)

Jamais percamos a esperança e, naquilo que nos diz respeito; que todos os homens de bem façam a sua parte, para que todas as nações voltem aos trilhos no rumo correto.

4. Instruções dos Espíritos 2. A fé humana e a divina

12. No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade.

Até o presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a exalçou como poderosa alavanca e porque o tem considerado apenas como chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem, quando tem fé, isto é, a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação. Também os apóstolos não operaram milagres, seguindo-lhe o exemplo? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais, cujas causas os homens de então desconheciam, mas que, hoje, em grande parte se explicam e que pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo se tornarão completamente compreensíveis?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou das suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe faculta imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendoros que se não chegue a vencer.

O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres.

Repito: a fé é humana e divina. Se todos os encarnados se achassem bem persuadidos da força que em si trazem, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o a que, até hoje, eles chamaram prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas.

(Um Espírito protetor, Paris, 1863.)

Crônicas e Artigos

Nº 146 – 21/02/2010

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

IV. Instruções dos Espíritos

II. A Fé humana e a divina

A renovação exige coragem e perseverança

O trabalho de renovação das disposições íntimas vai exigir, de todo aquele que se proponha executá-lo, perseverança e determinação. Perseverança, por causa da necessidade da repetição contínua e sistemática na correção do desvio feito nos caminhos da existência, e determinação, para que não se abandone o comprometimento com essa nova atitude.

As ideias fantasiosas que temos sobre renovação deixam-nos manietados a outros erros, e iludidos na certeza de que a estamos realizando. Quase sempre, por desconhecimento, apenas trocamos o nome, o rótulo de antigos enganos, que insistimos em manter – nos apraz tal situação –, distorcendo o verdadeiro significado de tal fato. Esse engano, parece-nos, está ligado à noção equivocada de que estamos, realmente, comprometidos com a mudança e que a estamos realizando. Mas a verdade é que, se observarmos nossa conduta, poderemos perceber, muitas vezes, que insistimos em cometer os mesmos erros, fazendo as mesmas escolhas e guardando a certeza de que já havíamos superado essa fase.

Todavia, a consciência dessa repetência permitirá que nos coloquemos em alerta, porque nos permitirá saber que, ainda, estamos no início da caminhada e distantes dessa superação.

As situações, nas quais somos chamados a dar testemunho daquilo que já aprendemos – e quase sempre supomos que já o fizemos –, constituem-se em excelentes vitrines para essas observações. São armadilhas que surgem para que nos testemos, para que tenhamos um parâmetro da nossa evolução, para que possamos medir o quanto, ainda, a paciência, a tolerância com as diferenças, o entendimento fraterno a quem nos agride, a capacidade de perdoar e esquecer e tantos outros, que imaginávamos já dominar, estão longe do ideal da prática amorosa que Jesus nos ensinou.

São decepções que infligimos a nós mesmos e que sacodem a nossa acomodação, no pouco que fizemos, mas que supomos ser muito. É importante lembrar aqui que qualquer avanço na senda do progresso é louvável e, às vezes, requer muito esforço de quem o executa. O que não pode ocorrer é a estagnação desse movimento renovador, com a justificativa de que muito já foi feito. Isso nos desequilibra e nos adoce física e emocionalmente, permitindo que, inúmeras vezes, sejamos alvos fáceis de aproximação de outras mentes em desalinho, sejam elas encarnadas ou desencarnadas.

Por essa razão, a superação de sentimentos inferiores, sob o ponto de vista de Jesus, como os de revide, vingança, vaidade, personalismo, por exemplo – expressões do egoísmo na vida de relação –, é de vital importância para a recuperação e manutenção do equilíbrio e da harmonia no âmbito da vida íntima. É essa condição que nos permitirá não sermos feridos pelas correntes aflitivas e conflitantes que nos cercam, proporcionando um outro olhar sobre essas armadilhas, um olhar com objetividade, dando a cada situação o justo peso de importância.

Para que isso ocorra, faz-se mister buscar conhecer nossos sentimentos – raiz de nossas escolhas –, dimensioná-los, estabelecendo prioridades para serem trabalhadas, com foco nas suas transformações, partindo do mais simples e, portanto, do mais fácil – aquele mais imediato, mais próximo, que está mais claro para nós – para o mais complexo e mais difícil.

O mais importante nesse processo, em última análise, é ter a coragem de identificar esses sentimentos malsãos, iniciar a tarefa de renovação e, depois, permanecer nesse caminho. Passeando entre a luz e a sombra, a razão e a emoção, nunca acertaremos a rota se não nos

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

comprometermos com a mudança e perseverar nela, mesmo que se tenha de refazer os passos mil vezes.

Muitos de nós creem que somente a fé em Deus seja suficiente para que essas mudanças ocorram. Entretanto, a proposta de renovação, que Jesus nos convida a realizar, transcende a simples fé divina. Ela vai além e toca na essência do Espírito, na vontade genuína de realizá-la. Daí, a presença dessas duas forças transformadoras em nós: a fé humana e a fé divina, porque, ainda que se aceite a soberana presença de Deus em nossa vida; ainda que a fé nos leve a adorá-IO em Espírito e Verdade; ainda que a Natureza O revele através das belezas que nos cercam, se não O sentirmos e mostrarmos ao mundo, através de nossas atitudes, nada terá sentido. Aceitar a Sua presença e não vê-IO no próximo é cegueira mental; adorá-IO em Espírito e Verdade e só colocá-IO em altares terrenos é diminuir-Lhe a majestade; e vê-IO revelado em Suas obras e não entendê-IO é olhar-se no espelho e não reconhecê-IO em si mesmo.

É na busca dessa identidade com o Criador que reside nossa luta renovadora. “O Pai e eu somos um só”, disse Jesus, mostrando que somente pela superação de nós mesmos e da materialidade na qual insistimos em permanecer, seremos livres e nos reconheceremos, finalmente, como filhos de Deus.

Crônicas e Artigos

Nº 397 – 18/01/2015

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

IV. Instruções dos Espíritos

II. A Fé humana e a divina

A cura pela fé

No capítulo 14 (Os fluidos), item 31 – curas – do livro **A Gênese**, Allan Kardec explica: “A cura se opera pela substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã”.

Podemos classificar as curas em curas materiais e curas espirituais. As curas materiais são proporcionadas pela Medicina, pelos remédios; as espirituais são as que se realizam com a participação dos médiuns. Neste ponto, o tratamento espiritual não dispensa o tratamento médico e vice-versa.

Quanto às curas de Jesus, no capítulo 15 de **A Gênese**, Allan Kardec observa:

“Nas curas que operava, (Jesus) agia como **médium**? Pode-se considerá-lo como um poderoso médium curador? Não, pois o médium é um intermediário, um instrumento do qual se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não tinha necessidade de assistência, ele que assistia e auxiliava os demais, agia por si mesmo, em vista de seu poder pessoal, tal como o podem fazer os encarnados em certos casos, e na medida de suas forças. Aliás, qual seria o Espírito que ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se ele recebesse um influxo estranho, não poderia ser senão de Deus; segundo a definição dada por um Espírito, era o **médium de Deus**”.

O tempo para a obtenção da cura pode variar, dependendo de cada caso. Temos de considerar que cada um de nós está submetido à Lei de Causa e Efeito; por isso, não obtemos a cura de todos os nossos males, nesta vida. Jesus, por certo, não curou a todos.

O indispensável nas curas é que tenhamos fé. No capítulo 19 (A fé transporta montanhas) de **O Evangelho segundo o Espiritismo**, item 12 – a fé humana e a divina –, a mensagem de um Espírito Protetor (Paris, 1863) elucida:

“A fé é humana e divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou de suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe faculta imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendoros que se não chegue a vencer.

O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé colocada em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres.

Repito: a fé é humana e divina. Se todos os encarnados se achassem persuadidos da força que em si trazem, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que, até hoje, eles chamaram prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas”.

Por isso, Jesus disse que se tivermos fé do tamanho de um grão de mostarda removeremos todas as montanhas dos nossos erros e imperfeições.

No item 3 (O poder da fé), do capítulo que estamos analisando, Kardec diz:

“A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao

CAPÍTULO XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo”.

No item 4, Allan Kardec nos chama a atenção para que não confundamos a fé com a presunção: “A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da verdade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos”.